

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Por

Jonathan Luiz dos Santos Borges

RA: 72000252

Trabalho de Conclusão de Curso sob a Orientação do(a) Prof(a). Ana Paula Sampaio Barbosa apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, do Centro Universitário de Brasília.

Brasília, DF - 2023

O BRINCAR E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo

Brincar não é um mero passatempo. Vários autores apresentam essa ação como parte importante da aprendizagem e do desenvolvimento. Ainda assim, percebe-se que nem todas instituições inserem o brincar na educação infantil. Portanto, o objetivo do artigo foi compreender como o brincar pode estimular a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo na educação infantil. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica e exploratória, fundamentada em autores como Piaget, Wallon, Vygotsky. Evidenciou-se que o brincar é uma importante ferramenta no processo de desenvolvimento infantil, direcionando o modo como a criança se conhece, interage com o mundo, e aprende no contexto cultural. Uma ação que desenvolve capacidades importantes, como: a motricidade, sociabilidade, raciocínio lógico, curiosidade, atenção, memória, imaginação e criatividade.

Palavras-chaves: Brincar, Aprendizagem, Desenvolvimento, Educação Infantil.

1.Introdução

Percebe-se que existe uma grande preocupação por parte dos pais e mães em alfabetizar, e letrar seus filhos e filhas cada vez mais cedo, pois vivemos em uma sociedade que valoriza a profissionalização acima de outros valores, habilidades e competências humanas. . É preciso cuidado para que não haja preocupação excessiva, e que diante disso não seja pulada uma das etapas mais importante, que é a construção das habilidades motoras, e reconhecimento do corpo.

Além disso, devemos propagar a ideia que aprender não é só escrever o nome, saber letras e números, mas é sobre diferentes elementos da construção humana. É sobre como reconhecemos nossos sentimentos, nosso corpo, como nos vemos no mundo, e como aprendemos a cultura. Aprender é com o corpo, com gosto, com tocar e sentir, não é só mera reprodução conteudista. “A brincadeira é uma linguagem e não meramente um momento de recreação. O impulso para brincar transcende um desejo de se divertir; é, antes, uma prática que visa suprir a necessidade de conhecer e de se comunicar”. (Colla, 2019, p. 114).

O brincar é uma ferramenta importante no processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança, principalmente nas séries iniciais. Piaget (1976) diz que :

O jogo é portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades

intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil (p.160).

Ao brincar, a criança está desenvolvendo funções cognitivas importantes como a atenção, a orientação, a memória, as gnosias, as funções executivas, as praxias, a linguagem, a cognição social e as habilidades visuoespaciais.

É necessário que a sociedade compreenda que a criança é um indivíduo transformador, e em transformação, que ao brincar, também está se envolvendo em conflitos, desenvolvendo hipóteses, buscando formas de solucionar problemas. Wallon (1978), por meio de sua análise sobre os estágios e os transtornos do desenvolvimento mental e motor da criança, nos apresenta a relação que existe entre o movimento e afeto, a emoção, o meio ambiente e os hábitos do indivíduo.

O professor(a) deve atentar-se à metodologia utilizada, pois a educação infantil possui uma identidade própria. Segundo Baptista (2010), “A brincadeira é a forma privilegiada de a criança se manifestar e produzir cultura, é o elemento central para a constituição da ação educacional e deve ser entendida como fonte de conhecimento sobre a criança e sobre seu processo de apropriação e de produção de cultura” (p. 2).

O que é corroborado por Chaves (2015) que propõe: “[...] organizar a rotina na instituição educativa, escolher as músicas, poesias e histórias que devem integrar permanentemente o trabalho das escolas de educação infantil.” (p. 3). É possível, na educação infantil, realizar um ensino prazeroso e eficaz, sendo o brincar uma ferramenta muito importante, pois, enquanto a criança brinca, ela se movimenta, pratica atividades motoras, desenvolve o senso moral, étnico, sua capacidade social, intelectual.

No entanto, é necessário cautela com a metodologia utilizada na educação infantil, pois muitos profissionais se equivocam, utilizando métodos repetitivos como por exemplo, o uso de cartilhas, trabalhando o pontilhado e a memorização por meio da repetição das letras. Segundo Vigotski (2009, p. 91 *apud* Chaves, 2015) “[...] da mesma forma que ajudamos as crianças a organizar suas brincadeiras, que escolhemos e orientamos sua atividade de brincar, podemos também estimular e direcionar sua reação criadora”. Isto é, existem muitas outras atividades que podem incentivar e desenvolver o aprendizado da criança, pois ao brincar, realizar atividades de pintura, e até mesmo um passeio, o professor(a) está estimulando memória, coordenação motora, e ensinando escrita.

É relevante considerar que a diretoria, coordenação pedagógica, professores, pais, mães e toda comunidade escolar estejam atentos a todas as fases e etapas do desenvolvimento infantil, para que desta forma, saibam utilizar brincadeiras e brinquedos adequados, e assim exercer um trabalho

efetivo no processo de aprendizagem. Quando a criança brinca, ela tem a oportunidade de se tornar um sujeito mais crítico, autônomo e criativo.

Portanto, este artigo tem o objetivo de compreender como essa atividade pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo na educação infantil. A tarefa de mostrar que brincar não é só tempo livre, mas ações pensadas, com intencionalidade pela criança, e deve ser, portanto, incentivado no espaço de educação infantil, ainda é uma luta que temos muito que abraçar.

2. Fundamentação Teórica

A maneira da sociedade olhar para criança, e conseqüentemente o trabalho pedagógico nas instituições de ensino, está mudando, passando a reconhecê-la como um indivíduo transformador de nossa sociedade. Segundo Santos (1997) “antigamente, ela não tinha existência social, era considerada miniatura do adulto, ou quase adulto [...]” (p. 19).

A infância, o brincar e os brinquedos foram se modificando ao longo do tempo, mas sempre foram elementos essenciais na vida da criança. No entanto, são enquadrados como distração, algo recreativo, passageiro e sem importância.

Foi necessário que houvesse uma profunda mudança na sociedade para perceber a infância como uma fase essencial para a evolução do indivíduo, e compreender que o brincar precisava ser valorizado, visto como uma ferramenta de desenvolvimento.

A brincadeira pode ser educativa e a Educação pode ser divertida, eliminando o paradigma de que a brincadeira e o aprendizado são momentos distintos. Precisamos evidenciar que é necessário o adulto acreditar e validar a produção única e autônoma da criança por meio do brincar, pois o brincar, como coloca Moreira, Seabra e Brockington (2018), dentro da concepção de Vygotsky, é uma atividade constitutiva do psiquismo e a brincadeira como objeto-unidade que delimita a gênese desta constituição.

De acordo com Santos (1997), “Brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através de atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve expressão oral e corporal [...]” (p. 20).

Segundo o Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil (RCNEI) (1998, v.1. p. 28), “As brincadeiras de faz de conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro) jogos tradicionais, didáticos, corporais, etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos da criança por meio da atividade lúdica”.

Portanto, é necessário a valorização do brincar, e principalmente a formação de professores na educação infantil com foco em práticas que valorizem o brincar, e o olhar sensível para criança. Podemos trabalhar de maneira plural, mas não se esquecendo da singularidade de cada indivíduo, para que dessa forma estejam preparados para desenvolver um trabalho de qualidade.

Salomão; Martini & Jordão (2007) descrevem que, “brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la.” (p. 12). Portanto, é uma ação que o modifica, e modifica o mundo à sua volta.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), definem a criança como:

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Veja que o brincar é elemento constitutivo da criança, por ser uma ação diretamente ligada ao corpo, gestos e movimentos, ele é também o modo de avaliarmos desenvolvimento. A criança que não brinca é porque algo pode estar acontecendo, portanto, brincar é parte da nossa análise sobre saúde e educação. Quando a criança brinca, ela revela sua singularidade, sua identidade pessoal e social.

Quando se olha a brincadeira pelo olhar da **neurociência**, seu papel imprescindível no desenvolvimento humano se revela até mesmo na fisiologia cerebral. Diversos estudos com crianças que foram privadas de brincar na infância, como aquelas que cresceram em orfanatos na Ucrânia ou outros países em situações de guerra, mostram que a ausência das brincadeiras está relacionada com a diminuição do volume cerebral, principalmente nas áreas ligadas ao processamento das emoções e empatia. Parece que a atrofia dessas áreas cerebrais e os prejuízos emocionais estão diretamente ligados à impossibilidade de brincar. Essas mesmas crianças, em sua vasta maioria, apresentam comportamentos agressivos e arredios. Com intervenções que simplesmente as fazem brincar, esses comportamentos são abruptamente reduzidos e até mesmo extintos. (Moreira, Seabra e Brockington, 2018, p. 1).

O brincar proporciona experiências, proporciona à criança a oportunidade de ampliar seu conhecimento, ou seja, “[...] quanto mais rica é a experiência, mais rica será também a imaginação, mais material estará disponível para a imaginação dela. Eis por que a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência.” Vigotsky (2009, p. 22).

Ao brincar a criança está descobrindo e desenvolvendo preferências e aptidões futuras, como, por exemplo, quando ela se diz médica, cantora, atriz, professora etc. Sampaio (2017) descreve que:

“Todo esse movimento de sermos princesa, de definir os papéis, de quem seria o bem e o mal, mostra que a brincadeira, como atividade humana, é impregnada de sentidos. No brincar, os conceitos sociais de bom ou mal são negociados, os gestos, antes observados dentro do contexto cultural da criança, são transportados à ação do

brincar por meio de histórias, no faz-de-conta, em música, na ação lúdica que ela vivencia.” (p. 107).

Para a autora esse faz-de-conta revela como as crianças estão engajadas umas com as outras e compartilham significados reais nessa ação (Sampaio, 2017). Portanto, o ato de brincar possibilita que a criança aprenda vivenciando, sem qualquer tipo de obrigatoriedade, apenas pelo simples prazer de imaginar e se divertir.

Para enfatizar a importância do brincar no desenvolvimento e na criatividade da criança, Virgolim cita Osho, “O homem criativo transforma seu sentimento de amor em ação, influencia positivamente outras pessoas. É aquele que cria sentido para a vida, em vez de simplesmente descobri-lo na criação de outros [...]” (Virgolim, 2007, p. 35 apud Osho, 1999).

O brincar move a criatividade, a curiosidade, e incentiva a criança a analisar e a propor algo novo, desvendar o desconhecido “[...] ao brincar, as crianças negociam e aprendem, além de adquirir conhecimentos declarativos (nomear, definir etc) e procedimentos mentais (fazer atividades, resolver problemas, estratégias e sequências de raciocínio etc.)” (Silva; Abreu, 2015, p. 95).

Para Leontiev (1992 apud Silva; Abreu, 2015, p. 121), “existe na criança uma necessidade latente de agir sobre o mundo por meio da incorporação de papéis sociais e da substituição funcional de objetos.”. Para este autor, a criança, ao brincar, em determinados momentos está recriando uma situação, imaginando determinado papel social. Percebe-se que é neste movimento que a criança está transformando o brincar em algo significativo, não simplesmente uma distração.

Diante do exposto, percebemos que os benefícios são muitos, mas a educação infantil ainda sofre com instituições e educadores que não implementam o brincar como instrumento pedagógico. Costa (2020) apresenta uma reflexão interessante sobre esse ponto:

O tempo sempre foi uma dimensão controladora da vida escolar. Sua estrutura estabelecida por um somatório de critérios curriculares define a vigência do cenário cotidiano da troca e aquisição de saberes. Faz parte de uma configuração histórica, social e cultural da escola através de inúmeros dispositivos: calendário e jornada escolar, rotinas escolares, horários, currículo, unidades de ensino, ciclos, datas comemorativas, conteúdos programáticos e regulação das relações sociais e pessoais. É multidimensional, tem uma identidade própria decorrente da construção simbólica da escola (p.3).

A autora discute no seu artigo que o brincar é refém desse tempo. Ela acrescenta que “o recreio não serve para brincar, mas para descansar, restaurar, restabelecer e revitalizar; não vale por

si mesmo, enquanto hora destinada e apropriada para brincar” (p. 4). Por isso, precisamos gerar novas ações, novos métodos, “novos educadores”, mas para isso precisamos compreender a importância do brincar.

3. Método

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória. Levantamos referências teóricas de pensadores clássicos, sendo o maior referencial Vygotsky. A palavra chave para busca das referências foi: brincar e desenvolvimento infantil.

Livros de Vygotsky, “Imaginação e criação na infância”, “Teorias Psicogenéticas em discussão”, “A formação social da mente”, foram essenciais para a execução deste trabalho.

Documentos legais que regem a Educação Infantil, o acervo virtual do Ceub, bibliotecas virtuais de revistas científicas, foram as ferramentas para a busca de obras confiáveis. A linha de pesquisa veio em conformidade com autores que retratam a importância do brincar na prática pedagógica.

A pesquisa foi realizada de janeiro a maio, buscando identificar, analisar, categorizar produções científicas anteriores que estabelecessem relação com a temática abordada, permitindo consolidar a importância do brincar.

O modo de registro foi os fichamentos, que foram analisados diante da hipótese inicial do trabalho. Adotou-se a técnica indicada por Severino (2007), “partir do mais geral para o mais particular e do mais recente para o mais antigo, ressaltando-se, obviamente, o caso dos documentos clássicos”. (p. 134).

A pesquisa exploratória, segundo Severino (2007), busca levantar informações sobre um determinado objeto, que aqui é o brincar. Foi com essa técnica que conseguimos atingir o objetivo, e assim aprofundar a discussão. Ela se caracterizou como uma busca dentro do material colhido, e permitiu a observação de que ainda precisamos de mais pesquisas que olhem o brincar como um instrumento pedagógico.

4. Resultados

Autores clássicos como: Vygotsky, Wallon, Piaget, já diziam desde o século XIX que o brincar é importante para o desenvolvimento da criança. Seus trabalhos evidenciam que a ação do brincar faz com que a criança compreenda o pensamento e linguagem do outro.

Os artigos científicos, trabalhados nessa pesquisa, corroboram com esses autores, e apontam o brincar como uma atividade predominante na infância, e que por esse motivo, precisa ganhar lugar valorativo. A brincadeira resgata valores e sentimentos, e segundo Vygotsky (1998) “[...] o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. A ensina a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras.” (p. 114).

E desejo são sensações, emoção. Para Wallon (1995) “é a emoção que dá o tom ao real.”(p. 140). Este autor descreve ser essa uma atividade própria da criança, a qual ela vivencia de fato as sensações. Sampaio (2017) reforça esse olhar: “a brincadeira permite esse movimento, ela não é uma fotografia real da realidade, mas um modo de sentir e viver esta realidade” (p. 110).

Segundo Piaget (1976) O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensorio motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades do eu.” (p. 160) e Vigotski (2007) corrobora, dizendo que “a brincadeira da criança é sempre emocional, desperta nela sentimentos fortes e nítidos [...] e, por esse motivo, constitui as primeiras formas de comportamento consciente que surgem na vida emocional” (p. 147).

O brincar está inserido na sociedade dentro da lógica de consumo, e muitas vezes as crianças não o vivenciam com liberdade. Não há tempo para se expressar brincando, pois, estão a todo momento operacionalizando brinquedos eletrônicos, jogos tecnológicos, ou grandes estruturas montadas em shoppings. E nas escolas muitos professores já levam tudo pronto. O que deve ser feito com o rolo de papel, onde carimbar as mãos, e como pintar. Poucos professores deixam as crianças utilizarem os elementos e montarem seus próprios brinquedos, e brincadeiras livres fora da hora do recreio.

São ações que não respeitam o processo criativo do brincar. Vygotsky (1991) vai dizer que é impossível ignorar que a criança satisfaz certas necessidades no brinquedo. Para Bueno (2010) “Brincar não significa perda de tempo como também não é uma forma de preenchimento de tempo, mas uma maneira de se colocar a criança de frente com o objeto, muito embora nem sempre a brincadeira envolva um objeto.”(p. 21).

Dentro da perspectiva histórico-cultural, que os autores escolhidos trabalham, esse brincar é o modo que a criança tem de se desenvolver na cultura. Queiroz (2006) traz:

A importância de interpretar a brincadeira levando em consideração os contextos sociais específicos em que ela ocorre, não sendo possível separá-la artificialmente deles; e, para compreendê-la, deve-se relacionar o valor e o lugar que lhe são determinados pela cultura específica, porque só levando esta em consideração é que será possível derivar o significado do brincar infantil em cada uma. (p. 175).

O que é explicado por Colla (2019) que a brincadeira “é uma linguagem e não meramente um momento de recreação. O impulso para brincar transcende um desejo de se divertir; é, antes, uma prática que visa suprir a necessidade de conhecer e de se comunicar” (p. 114). Então, como boa parte dos educadores ousam não incentivar o brincar, ou o limitam?

Percebe-se que anular a predominância do brincar na educação infantil é prejudicar que a gente acesse quem as crianças são, o que elas gostam, e principalmente como aprendem. Vygotsky, Luria, Leontiev (2017) no livro “Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem” fazem uma discussão densa sobre como as funções superiores são produzidas, e como as relações, interações sociais as moldam. Eles demonstraram, nesse livro, os estudos dos fundamentos corticais das funções superiores, e o interessante é que assumem que precisavam entender o jardim de infância para construção de suas teorias.

O fator determinante na classificação de objetos em situação desse tipo é chamado percepção gráfica funcional ou recordação das relações da vida real entre objetos. Vigotski descobriu que agrupar objetos de acordo com suas relações reais é típico das antigas pré-escolas e escolas elementares (Vygotsky, Luria, Leontiev, 2017, p. 47)

Estes autores já traziam que a educação infantil produz a cognição de forma diferenciada, a criança apresenta uma percepção de objetos, números, letras permeada pelo mundo a sua volta, aos elementos que ela encontra em sua cultura. Piaget (1976) vai olhar para o lado cultural também, e para ele o conhecimento é consequência da interação do sujeito com o objeto de conhecimento, seja do mundo físico ou da cultura.

Wallon e Vygotsky compreendem que o desenvolvimento se dá de fora para dentro, e Piaget ao contrário observava que o desenvolvimento era de dentro para fora. Todos os três concordaram e valorizaram o papel da cultura e do brincar na construção da inteligência humana. Observaram que existe uma relação dialética entre o sujeito e mundo, que naquela época de suas produções, foi revolucionário em apresentar concepções de que o conhecimento não é só algo que você carrega, mas que o meio determinaria tudo no desenvolvimento.

Para Wallon (2010, p. 73) “Os processos da atividade cognitiva fazem com que o movimento se integre à inteligência. A criança torna-se capaz de prever mentalmente a sequência e as etapas de atos motores cada vez mais complexos”. Diante desta citação, nota-se como o brincar é relevante para o desenvolvimento da criança, fazendo com que o ato motor seja trabalhado internamente e externalizado, oportunizando uma maior independência.

Entretanto, como aponta Costa (2020) os professores possuem uma certa necessidade de organização, disciplinarização e regulação do tempo com o intuito de educar as crianças pequenas a compartilhar espaços harmoniosamente.

O problema está exatamente no uso implacável do relógio como uma espécie de tirano a quem se deve obediência incondicional, como se todas as ações e modos de sentir, pensar e agir pudessem ser cronometrados. Este é mais um modo de controlar e ajustar a criança ao mundo do adulto, seja através da restrição do tempo de brincar ou pela supressão da liberdade para tal. (Costa, 2020, p. 4).

Será que devemos cronometrar hora para brincar na educação infantil? Diante da literatura de Wallon, Vygotsky e Piaget, e dos artigos coletados, um recurso que é pleno desenvolvimento e aprendizagem não deveria ser controlado, ou limitado, mas sim estimulado.

4.1 Discussão

Considera-se que, brincando, a criança terá oportunidade de se desenvolver de forma efetiva e prazerosa, adquirindo capacidades indispensáveis a sua futura atuação na sociedade. As brincadeiras devem fazer parte do processo formativo da criança na educação infantil, pois como foi visto por meio dos pesquisadores da área, o brincar faz parte da vida de todas as crianças.

O brincar precisa ser visto como uma atividade de relevância no ambiente escolar, mas para que esta atividade seja trabalhada com qualidade, se faz necessário investimentos na formação dos educadores. Somente instrumentalizando-os de conhecimento é que conseguirão mediar o brincar de forma consciente e com objetivo, para que a criança brinque com qualidade e seu desenvolvimento seja estimulado de forma efetiva.

Walter Benjamin (2002, p. 102) relata que o brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, ou seja, ele nos mostra que a experiência pode tornar-se em hábito. Brincando a criança passa a se perceber melhor, a aprender regras e costumes da sociedade, fazendo com que se desenvolva a percepção e os sentidos da criança.

Enquanto a criança brinca, está trabalhando sua imaginação, socializam com seus pares. Para Silva e Abreu (2015, p. 92) “as crianças parecem ter facilidade de se conhecer ao brincar”. Brincando é possível, por meio das experiências, que as crianças aprendam sobre si, passando a dar significado às situações vivenciadas.

Apesar dos avanços em diversas pesquisas, apontando o brincar como ação importante ao desenvolvimento infantil, de parecer algo tão claro e óbvio, ainda enfrentamos uma resistência em inserir essa atividade nas instituições ou aceitá-la livremente na rotina das crianças. Sobretudo as brincadeiras espontâneas, que por não possuírem um objetivo pedagógico, com um planejamento do que se pretende atingir, é julgada como se não apresentasse uma relevância ao desenvolvimento da

criança. A hora do brincar é bem difundida socialmente, porém a nossa sociedade insiste em diferenciá-la da hora de aprender. Essa ação é uma grande vilã das atividades formais de aprendizado, que é fragmentada e desvinculada do cotidiano das crianças e parece estar trancada dentro dos muros da escola (Sampaio, 2017, p. 142).

Sampaio (2017) complementa dizendo que possibilitar o brincar espontâneo é permitir que a criança desenvolva autonomia frente ao seu desenvolvimento. Ferland (2006, p. 6) defende que "ao brincar, a criança progride nas diferentes esferas do seu desenvolvimento". Evidenciando que não é mero passatempo, ela está se desenvolvendo neste ato.

Pesquisas demonstram que o brincar estimula o uso da memória¹, como demonstrou a Profa. Priscilla sob orientação da professora Patrícia Leila dos Santos do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) e co-orientação de Corina Milagro Mosquera Taipe, que é terapeuta ocupacional e aluna do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP), todas da USP.

Elas criaram um Guia só com brincadeiras para crianças de 4 e 7 anos. As crianças passaram a organizar em sua mente o que necessitava ser lembrado. E não podemos deixar de citar que a ludicidade é uma exigência curricular da Educação Infantil : “ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas”(Brasil, 1998, p. 16).

Temos os eixos temáticos abordados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), documento que vem reforçar a importância das experiências e brincadeiras necessárias para a construção do conhecimento. E a partir de 2013 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz algumas premissas sobre a educação infantil e apontam que brincando, também é possível educar. Consequentemente, a educação infantil passa a ter que rever o seu papel pedagógico, pois o brincar é um dos seis direitos de aprendizagem propostos.

No entanto, mesmo com grandes clássicos falando sobre o brincar, estudos recentes apontando boas práticas, e a legislação propondo, ainda vemos poucos educadores e instituições priorizando essa ação. Espera-se que esse artigo contribua para o bom futuro do brincar na educação infantil.

5. Conclusões

¹ Informações acessadas: <https://jornal.usp.br/universidade/guia-apresenta-atividades-e-brincadeiras-que-ajudam-criancas-com-paralisia-cerebral/>

A importância do brincar, para as crianças, é fator que compõem um processo de ensino e aprendizagem de qualidade. Com os resultados dessa pesquisa foi possível perceber que o professor(a), ao adotar a brincadeira nas atividades escolares têm uma maior chance de trabalhar e desenvolver as capacidades físicas e psicomotoras, fazendo com que o desempenho escolar da criança seja rápido e eficaz.

Para as crianças, o brincar é a maneira que elas aprendem, socializam, experimentam situações, e atividades fundamentais para o seu desenvolvimento físico, intelectual e social. Por meio da utilização de brinquedos, a criança compreende a realidade, as regras, os símbolos, e assim criam suas próprias percepções.

As leituras proporcionaram um melhor entendimento sobre a importância do brincar na educação infantil. Percebeu-se com esse estudo que o brincar é instrumento valorizado por anos na educação, como os teóricos clássicos já colocavam em suas reflexões, mas que ainda precisamos caminhar mais na prática, e não deixar as regras, o controle e o tempo marcarem a hora de brincar.

Este trabalho foi delineado no âmbito teórico, mas permitiu romper o paradigma que existe na educação infantil sobre um momento para aprender, e um momento para brincar. Conclui-se que a criança quando brinca está aprendendo.

A pesquisa instigou o desejo de continuar a investigação, que será o passo para uma pesquisa empírica, com observação e vivência do ato de brincar na educação infantil. Tem uma frase do Mário Quintana que resume as reflexões geradas: “As crianças não brincam de brincar. Brincam de verdade”. Então, se quiser mesmo ensinar algo para uma criança, se quer que ela aprenda de verdade: brinque.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Walter Benjamin; tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2009 (2ª Edição).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf> . Acesso em 6 mai. 2023

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb-005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 6 mai. 2018.

BUENO, Elizangela. **Jogos e Brincadeiras na educação infantil: ensinando de forma lúdica**.

Londrina – PR, 2010.

CHAVES, M.. (2015). **Práticas pedagógicas na educação infantil: contribuições da teoria histórico-cultural.** Fractal: Revista De Psicologia, 27(1), 56–60. <<https://doi.org/10.1590/1984-0292/1356> > Acesso em 10 mar. 2023.

COLLA, R. A.. **O brincar e o cuidado nos espaços da educação infantil: desenvolvendo os animais que somos.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 100, n. 254, p. 111–126, jan. 2019.

COSTA, A. R.. **As crianças e o brincar no contexto escolar: tempos (in)sensíveis.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 42, p. e2061, 2020.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. **A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento.** Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro , v. 7, n. 1, jun. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 jun. 2023.

FERLAND, F. (2006). **Vamos brincar? Na infância e ao longo de toda a vida.** (1ª Edição). Lisboa: Climepsi Editores.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência.** 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SALOMÃO, H.; Martini, M & Jordão, A. (2007). **A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado.** Disponível em <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>> Acesso em 10 mar. 2023.

SAMPAIO BARBOSA, Ana Paula **O brincar como possibilidade de desenvolvimento infantil em acolhimento institucional** / Ana Paula Sampaio Barbosa; orientador Maristela Rossato. -- Brasília, 2017.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador.** 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941. **Metodologia do trabalho científico** / Antônio Joaquim Severino. 23. ed. rev. e atual. São Paulo : Cortez, 2007.

SILVA, D. N . H; ABREU, F. S. D. **Vamos brincar de que?: cuidado e educação no desenvolvimento infantil** - São paulo : Summus, 2015.

VIRGOLIM, A. M. R. **Talento Criativo: a expressão em múltiplos contextos.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **O papel do brinquedo no desenvolvimento.** In: _____ **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem** / Lev Semenovich Vigotski, Alexandre Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução de: Maria da Pena Villalobos. 16ª edição - São Paulo: Ícone, 2017.

WALLON, H. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil** / Izabel Galvão. 19. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. - (Educação e conhecimento).

Wallon, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70. (1945/1995).

QUEIROZ, N. L. N. DE .; MACIEL, D. A.; BRANCO, A. U.. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista**. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 16, n. 34, p. 169–179, maio de 2006.